



*Figura 22 - Cristal de Tempo: porta-retrato de Baixinho, Vale do Capão, 2004
Foto: Flávia Bomfim*



*Figura 23 - O Virtual e o Atual: Iuri e sua foto ao fundo, Siribinha, 2001
Foto: Wallace Nogueira*



*Figura 24 - Lavadeira, Siribinha, 2000
Foto: Wallace Nogueira*



*Figura 25 - Exposição das fotografias de Siribinha e do Capão, Siribinha, 2000
Foto: Wallace Nogueira*



Figura 26 - A arenosa Vila de Siribinha, 2000
Foto: Wallace Nogueira

O aprendizado da arte – constitutiva da *bildung* dos comungos teve –, também, um efeito na própria definição que estes estudantes passaram a ter da psicologia. Assim, Marcela define esse campo das ciências humanas como *a arte de interpretação do outro*.

Eu acho que a gente problematizou muito: qual era o nosso lugar? Qual era a nossa possibilidade de interpretação das coisas? Eu acho que a arte entrava muito aí. Quer dizer: porque o psicólogo é aquele que interpreta o outro, né? [...]. O clínico, ele é isso. Você interpreta, você está ali porque você está fazendo um jogo e tal. Óbvio que nessa interpretação você pode atuar mais ou menos, aí você varia de acordo com a teoria. Mas o psicólogo é aquele que faz a leitura do outro o tempo todo. E aí, eu acho que a gente se questionava muito: que lugar é esse? E aí eu acho que arte veio para “não perai”. Tentar ampliar mais a nossa capacidade de conhecer as coisas, de estar nas coisas e de dizer “não, calma”. Aquele trabalho mesmo que eu nem participei desse, mas que a galera fez de E., que fez um vídeo, que era um texto em espanhol... Tentando trazer outros elementos, tentando dizer: “tem muitas mais coisas aí envolvidas do que simplesmente um debate sobre conceitos”. Eu acho que a arte além dela unir muito... a música une, a poesia une, porque toca em outros planos [...]. Eu acho que ela uniu a coisa, mas eu acho que ela teve muito sentido

mesmo. Hoje olhando eu acho que teve muito sentido para a construção que a gente estava querendo fazer. Se não fosse isso, você ia ficar ali eternamente dentro da própria psicologia, sem conseguir muito sair dela (Informação verbal).

O *SiribãoCapinha* funcionou com um deslocamento da percepção corriqueira desses estudantes, culturalmente formados na “cidade grande”. Uma maneira de estranhar o próprio corpo, e seus hábitos, fazendo-o entrar em outros tipos de relação com o outro, com os objetos, com o trabalho, com o mundo, consigo mesmo. Em 2001, surge uma discussão pela Internet com o intuito de refazer o projeto e avançar em alguns pontos. Wilson manda o seguinte e-mail, que, apesar de não ter ficado como texto final é de suma valia por localizar o *SiribãoCapinha* dentro da cultura do curso de psicologia e por esclarecer todo o cuidado quando se tinha quando se adentrava em uma comunidade.

Num curso como o de psicologia, [que está] entre os mais concorridos, vejo uma porção de rapazes e garotas que souberam fazer uso de seu tempo e de seus recursos materiais e mentais concentrando-se numa finalidade bem determinada: passar nos exames. São todos, por assim dizer, "bons alunos". Vê-se que muitos são originários de escolas renomadas, que escrevem com facilidade, e quando "se permitem", falam com desenvoltura, além de serem em geral muito bem apessoados. São jovens, muitos mal chegados nos 20 anos de idade, e não tiveram muito tempo para se ocupar com outra coisa além dos afazeres elencados sob uma disciplina cuidadosamente preparada para eles desde o berço. De um certo ponto de vista, por terem se submetido, através dos anos, a sucessivos sistemas seletivos, as maiores diferenças interpessoais foram triadas, de modo que os que chegam até a universidade não deixam de ser parecidos em muitos aspectos. Seria um exagero chamá-los indistintamente de "geração @", mas com certeza muitos deles, em suas breves existências fortemente auto-responsabilizadas, quase que somente percorreram circuitos de locomoção bem marcados (de automóvel, mais vezes), como shopping-centers, salas de cinema climatizadas, clubes, carnaval "dentro da corda", play-grounds de edifícios, casas de amigos, escolas muradas, além do familiar caminho que vai da geladeira ao quarto de dormi , assistir TV e estudar. Fora disso, algumas viagens "a passeio", ou "para espárecer", para algumas localidades de cartões postais. Esta classe (em seu sentido escolar), na altura da formação universitária, já se confirmou suficientemente apta para seguir rotinas, somando-se a isso uma certa ansiedade diante dos desafios que se avizinham com a proximidade da vida profissional, o que pode se transformar num certo "providencialismo", uma vontade de fazer e acontecer, enfim, de divisar "resultados" imediatos resultantes da própria ação como projetada. Em se tratando do trabalho comunitário, o casamento da vocação praxiológica com protocolos de ação programada nem sempre tem agradado as localidades (a que chamam "clientela" ou "beneficiários"). Embora agradeçam alguns eventuais serviços prestados, o reclame mais comum dos moradores quanto à presença dos universitários nas comunidades é que se sentem "usados". Talvez porque muitos estudantes, armados e inclinados para a ação, depois de convocar representantes locais e projetar tanto e mais tanto, depois de acalentar expectativas grandiosas, diante dos primeiros imprevistos práticos, desanimaram e abandonaram trabalhos começados pela metade. De resto, separada da interpelação ética na ação comunitária, nada impede que a extensão acabe sendo empregada, por muitos, como uma maneira pragmática de "treinar com os pobres para depois tentar ganhar dinheiro com os ricos".

É por estas e por outras que estamos encarando com cautela a "inserção dos universitários nas localidades". É isso - a "inserção", o encontro com a diferença em campo aberto - que continuamos problematizando intensamente enquanto damos nossos primeiros passos pelas vizinhanças enquanto "projeto universitário". Sem podermos especificar claramente de que modo estamos envolvendo a "dimensão ética" em nossos afazeres, ela não desaparece de nosso horizonte de ocupação. Se essa ocupação crítico-reflexionante impede que andemos "mais rápido", talvez impeça também, utilmente, que atropelemos as coisas com nossa pressa em fazer e acontecer. *Um dos cuidados que tivemos, em se tratando de "inserção nas comunidades", foi com a diferença de nossos modos de vida incluindo as coordenadas vitais de tempo e espaço.* Encontrar o lugar, aclimatar-se ao dia-a-dia dos moradores, conhecer os arredores, não ir se apresentando ostensivamente às pessoas para valorizar a possibilidade de ir conhecendo-as mais aos poucos, como que "lateralmente", andando junto. Ver, ouvir, sentir, alojar-se, ocupar-se...de um lugar diferente, com pessoas diferentes, de hábitos, valores e crenças diferentes... Mediante esse cuidado, o "registro etnográfico" - fotografar, filmar – nos pareceu o mais indicado neste momento. Buscamos bibliografia a respeito do histórico das localidades, estudamos seus mapas. Um trabalho de "reconhecimento" mas envolvendo principalmente a sondagem da "memória étnica" dos lugares, não focalizando somente "as coisas" mas principalmente "o humano nas coisas" e "o humano entre-eles" (Trecho de email. WILSON, *O ensaio que saiu...*, 18 de abril de 2001).

Além de toda as questões que envolviam o campo empírico de uma psicologia comunitária, o *SiribãoCapinha* forçou esses estudantes ao diálogo com “o fora”, já que era necessário explicar o projeto para os outros participantes dos demais projetos que compunham o UFBA em Campo. Marcela enfatiza:

Foi bem legal porque o Siribão expandiu mais também a coisa. Eu acho que a questão lá no Calabar, do estágio, foi uma coisa que ficou restrita ao estágio de psicologia comunitária. [...] E o Siribão não. O Siribão fez com que a gente se relacionasse com os outros cursos, com a pró-reitoria de extensão. Eu me lembro que a gente ia na Pró-Reitoria falar do Siribão para outras pessoas que estavam fazendo outros projetos [...] Defender o Siribão, falar, ter que apresentar a idéia. E toda a discussão de quem seria o monitor, de que não ia ter o monitor, de que era todo mundo que era o monitor da coisa (Informação verbal).